

Reflexão

Para além da incerteza: o inconcebível

YEHEZKEL DROR

Tanto epistemologicamente quanto ontologicamente estamos cada vez mais nos deparando com o que é radicalmente diferente do “incerto”. Epistemologicamente, todo esforço de prospecção é baseado em alguma combinação de extrapolações, de teorias, e de conhecimentos tácitos formulados sobre uma visível continuidade entre o passado e o futuro. Entretanto, os efeitos combinados de mudanças radicais que afetam profundamente a direção da história comprometem nossa habilidade de reconhecer padrões vigentes tanto no passado quanto no futuro reduzindo, assim, as possibilidades de previsão e levando-nos a deparar com o que parece ser inconcebível.

Este argumento epistemológico está aberto a críticas por parte daqueles que acreditam que podem identificar “longos ciclos da história” e, desta forma, prever o futuro, pelo menos em linhas gerais. Todavia, o argumento ontológico refuta essa visão, reforçando a tese da “inconcebibilidade”.

A visão ontológica é bem apresentada pelo argumento de Karl Popper que, de um ponto de vista lógico, diz que o conhecimento presente não pode ter noção do conteúdo do conhecimento radicalmente novo. Considerando que a nossa época tem sido caracterizada por rápidas transformações no conhecimento com implicações sociais radicais, esse fato já seria suficiente para suportar a hipótese de que estamos diante da “inconcebibilidade ontológica”. Bastaria mencionar a possibilidade de determinação do gênero durante a concepção, a clonagem humana, ou ainda outras formas extremas de intervenção genética para demonstrar o seguinte ponto: essas tecnologias emergentes causam uma ruptura na história resultando, assim, num mundo inconcebível.

Todavia não é apenas a certeza de tais revoluções científicas que nos levam à “inconcebibilidade”. Todas as grandes tendências da história estão passando por transformações radicais, incluindo-se o tamanho das populações e suas composições, as estruturas de poder, as culturas e os quadros de valores, as alterações climáticas, entre outros. Em consequência, ao longo do século vinte e um, muitas noções da realidade assumirão formas inconcebíveis no presente.

Isto é também verdade quando se olha o passado. Basta mencionar a desintegração da União Soviética; o desenvolvimento dos efeitos da

globalização que não entendemos, apesar de sua visibilidade; e, o choque econômico no Sudeste da Ásia para ilustrar o fato de que o inconcebível já está entre nós.

Minha avaliação geral é que nós estamos no meio de um conjunto de processos de mudança que produz a passagem de etapas remetendos-nos ao inconcebível. Isto aconteceu também no passado, com a introdução do fogo, a transição para a agricultura, a emergência para novas formas de fé e conscientização, entre outros momentos. Mas, a mudança foi mais lenta e não tocou o gênero humano. Portanto, minha avaliação é de que estamos caminhando para a mudança de fase mais radical que a humanidade já viveu.

É verdade que o presente processo de mudança de fase também leva algum tempo e que o mais importante agente da história, ou seja, as características centrais do ser humano como uma espécie são, presentemente, estáveis. Entretanto, o processo de mudança se acelera e se aprofunda. Além disso, com respeito às características básicas do ser humano, não apenas nós não sabemos o que seria um indivíduo *“hard-wired”* e o que seria culturalmente modificável e estaria se modificando, mas o que é certo é que a humanidade irá intervir em sua estrutura e em seus processos bio-neurológicos. Em conseqüência, os processos de mudança em curso estão produzindo a mais radical ruptura na continuidade. Uma ruptura comparável em termos de *“inconcebibilidade”*, por exemplo, à chance muito menor de encontrar vida inteligente em seres extraterrestre.

A imaginação, contudo, não pode nos ajudar? Temos notícia de pensadores que, no passado, imaginaram certos traços a respeito do futuro que eram virtualmente inconcebíveis no seu tempo. Ademais, muitos alegam, hoje em dia, serem capazes de considerar o que chamo de *“inconcebível”* como, por exemplo, o de se estabelecer os primeiros contatos com seres de outros planetas.

Apesar disso, aqueles que dizem que consideram o inconcebível não me impressionam. Suas formulações contam muito pouco e podem até fazer algum bem por nos alertar para a chance de rupturas na história. Não obstante, suas visões substantivas a respeito de como o mundo poderá vir a ser depois da re-engenharia dos seres humanos, depois dos visitantes de fora do planeta, depois da guerra biológica mundial numa escala sem proporções, não têm base alguma – nem epistemológica nem ontológica. Além do mais, a possibilidade hipotética de que, no futuro, algum Novo Mundo presentemente imaginado deva ser tomado como profético não nos ajuda a decidir agora qual visão de *“futuro radical”* valeria a pena ser, de alguma forma, levada em consideração.

Entretanto, é pouco plausível que alguma dessas visões do presente possa vir a ser admirada no futuro como tendo sido uma previsão do que viria a ocorrer. Futuros imaginados discutidos em conferências e na literatura sobre o futuro não são nem sequer *“radicais”*. Geralmente, essas visões são bastante dóceis assumindo, pelo menos tacitamente, que o

futuro transformado poderá ser encaixado nas principais categorias e valores do presente. A imaginação que realmente poderia ao menos ilustrar a “inconcebibilidade” sem prever é, de fato, muito rara.

Colocar a “inconcebibilidade” no centro das considerações futuras, preparar-se para a mesma e tentar influenciar essa possibilidade implica várias questões. Apenas para ilustrar, quatro delas seriam:

- Slogans como o do “desenvolvimento sustentável” pode ser reconhecido como fundamentalmente incompleto na sua premissa da possibilidade e desejo de continuidade no longo prazo das características principais da existência humana. Em vez disso, esforços teriam que ser dirigidos para aceitar e utilizar mudanças radicais para aumentar o potencial evolucionário sem se fixar nos conceitos de “recursos” do presente. Certamente, catástrofes em grande escala que ameaçam a sobrevivência da humanidade ou produzem sofrimentos generalizados devem ser evitados, mas isto é muito diferente da maioria das noções de “sustentabilidade”.
- A inevitabilidade dos traumas sociais requer grandes esforços para reduzir os perigos e os custos ajudando, por exemplo, as sociedades a estabelecerem redes de segurança e a conterem as possíveis reações violentas.
- Governos devem construir capacidades para fortalecer os recursos sociais para enfrentar mudanças de fases e impor certos controles em suas direções e efeitos. Esta não é uma matéria que possa ser deixada para o mercado e a sociedade civil. Ao contrário, governos, incluindo os mecanismos de governança global, devem ser fortalecidos de maneira radical em sua autoridade e na melhoria de capacidades cognitivas para assim alcançar, minimamente, objetivos de evitar catástrofes e reduzir custos sociais.
- As comunidades epistêmicas dos planejadores de políticas e estudiosos do futuro devem ser muito mais sensíveis à “inconcebibilidade”, colocando ênfase na criatividade das opções, alternativas mais elásticas, e lidar com crises sendo, ao mesmo tempo, céticas sobre previsões estreitas. A presunção de prever o futuro de longo prazo deve ser evitada, visões prospectivas sem limites contingenciados devem ser a regra, e “pensando o ano 3000” deverá ser tomada como uma presunção estúpida, que de fato é.

Todavia é preciso fazer mais. A emergência da probabilidade traz uma revolução no pensamento e no processo decisório. Na realidade, em toda a percepção da realidade. Nada menos do que uma revolução em conceitos cognitivos e modelos de pensamento é necessária para se tentar lidar com a crescente “inconcebibilidade”. Este é o desafio primordial com que nós, analistas políticos e profissionais, nos defrontamos.

O Autor

YEHEZKEL DROR. Professor do Departamento de Ciência Política da Hebrew University, Jerusalem, Israel. O presente texto foi extraído de "*Technological Forecasting and Social Change*", Elsevier Science Inc. New York, 1999.